

Agricultura, modernização urbana e o setor de entretenimento no antigo distrito de Carmo da Mata, Minas Gerais, 1900-1920

Edimar Reni Anísio

Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
Divinópolis, Minas Gerais, Brasil

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
Universidade Estadual de Montes Claros
Januária, Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 06 mar. 2024

Aprovado em: 16 jun. 2024

Publicado em: 06 maio 2025

Resumo

Este artigo investiga o surgimento de inovações no campo do entretenimento no antigo distrito de Carmo da Mata, localizado no Oeste de Minas Gerais, nas duas primeiras décadas do século XX. De forma mais detalha, é apresentada uma interpretação histórica em que a dinamização produtiva de setores rurais é apontada como principal elemento explicativo para a ampliação de novas modalidades e regimes de ocupação do tempo livre. Como método, foram analisados fragmentos de reportagens veiculadas no jornal Gazeta de Minas, que circulava na cidade de Oliveira, sede administrativa do município, combinado a isso, documentos censitários produzidos pelo governo mineiro do período.

Palavras-chave: História. Lazer. Cultura. Carmo da Mata. Minas Gerais.

* Técnico Ambiental na Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais. Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais; graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais e em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. E-mail: edimatrix2000@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5620-1897>

 <http://lattes.cnpq.br/6285267098227325>

** Professor de História para Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Professor contratado da Universidade Estadual de Montes Claros, campus Januária, do Curso de Educação Física. Doutor em Estudos do Lazer e graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre em História pela Universidade Federal de São João Del-Rei; graduado em Educação Física pelo Centro Universitário Claretiano. E-mail: dvoamaral@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3272-1174>

 <http://lattes.cnpq.br/1625543806211381>

Agriculture, urban modernization and the entertainment sector in the old district of Carmo da Mata, Minas Gerais, 1900-1920

Edimar Reni Anísio

State Secretariat for the Environment and Sustainable Development
Divinópolis, Minas Gerais, Brazil

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

State Secretariat of Education of Minas Gerais
University of Montes Claros
Januária, Minas Gerais, Brazil

Received: 06th Mar. 2024

Approved: 16th Jun. 2024

Published: 06th May 2025

Abstract

This paper explores the emergence of innovations in the entertainment field in the former district of Carmo da Mata, in the western region of Minas Gerais, in the first two decades of the 20th century. In more detail, a historical interpretation is presented in which the productive boosting of rural sectors is pointed out as the main explanatory element for the expansion of new modalities and regimes for occupying free time. As a method, we analyzed fragments of reports published in the *Gazeta de Minas* newspaper, which circulated in the city of Oliveira, the administrative seat of the municipality, combined with census documentation from the Minas Gerais government during this period.

Keywords: History. Leisure. Culture. Carmo da Mata. Minas Gerais.

* Environmental Technician at the State Secretariat for the Environment and Sustainable Development of Minas Gerais. MA in Leisure Studies from the Federal University of Minas Gerais; BA in History from the State University of Minas Gerais and in Philosophy from the Claretian University Center. Email: edimatrix2000@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5620-1897>

 <http://lattes.cnpq.br/6285267098227325>

** History Teacher for Basic Education at the State Department of Education of Minas Gerais. Contracted Professor at the State University of Montes Claros, Januária *campus*, of the Physical Education Course. PhD in Leisure Studies and BA in History from the Federal University of Minas Gerais; MA in History from the Federal University of São João Del-Rei; BA in Physical Education from the Claretian University Center. Email: nath.arirom@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3272-1174>

 <http://lattes.cnpq.br/1625543806211381>

Introdução

O desenvolvimento histórico do lazer é usualmente associado com a urbanização e a industrialização. No final da década de 1960, o sociólogo francês Joffre Dumazedier, muito citado em pesquisas sobre este tema, consagrou a compreensão de que formas contemporâneas peculiares de uso e ocupação do tempo livre, ou o lazer moderno, eram produtos de uma civilização “urbana e industrial” (Dias, 2018). No caso de Minas Gerais, em particular, diversas pesquisas que tratam das mutações do *modus vivendi* na virada para o século XX em cidades interioranas, direta ou indiretamente influenciada por tais entendimentos, tendem a reproduzir essa lógica. Segundo Daniel Amaral (2022), tratando do interior mineiro, o lazer nesse período é compreendido pela “égide inviolável do espaço urbano das cidades”. Ainda segundo este autor, prevalece, “sem muitas relativizações”, um entendimento que negligencia uma participação mais efetiva dos setores rurais nas transformações urbanas e culturais que, em menor ou menor grau, afetaram o cotidiano das cidades no período de transição dos séculos XIX e XX. “Na verdade, transformações históricas do mundo rural são quase sempre compreendidas como meros reflexos de transformações históricas do mundo urbano, um quadro que precisa ser, no mínimo, mais bem equilibrado” (*Ibidem*, p. 17).

Na intenção de equilibrar o quadro citado acima, a pesquisa ora em tela investiga o surgimento de inovações no campo do entretenimento no antigo distrito de Carmo da Mata, Oeste de Minas Gerais, nas duas primeiras décadas do século XX, período marcado por um substancial crescimento da produção de gêneros rurais para exportação. De forma mais detalha, é apresentada uma interpretação histórica em que a dinamização produtiva de setores rurais é apontada como principal elemento explicativo para a ampliação de novas modalidades e regimes de ocupação do tempo livre. Em linhas gerais, o desenvolvimento econômico do setor agropecuário parece ter fornecido condições de possibilidade da ampliação do repertório das diversões citadinas e do comércio do entretenimento, conforme destacaremos neste artigo.

Como método, foram analisados fragmentos de reportagens veiculadas no jornal *Gazeta de Oliveira*, fundado em 1887, na cidade homônima, sede administrativa do município, e que em 1899, já com uma periodicidade semanal, foi renomeado para *Gazeta de Minas*.¹ Nesse ano a *Gazeta* (1 jan. 1899, p. 1) se declarava como o “jornal de maior circulação do estado de Minas Gerais”. De forma complementar, foram consultados censos demográficos e econômicos que apresentam dados detalhados sobre, entre outras coisas, as povoações, as

1 Suas edições estão disponíveis no acervo digital do próprio editorial (Gazeta de Minas). As edições de periódicos citadas serão sempre da *Gazeta de Minas*, exceto quando indicado.

profissões, os salários e os volumes de produção e exportação dos setores rurais do município de Oliveira, o que inclui o antigo distrito de Carmo da Mata. Esses documentos estão disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda (Rio de Janeiro).²

Dinamização dos setores agropecuários em Carmo da Mata

O início do século XX foi marcado por iniciativas dos produtores rurais do município de Oliveira³ para contornarem os problemas de produção na lavoura e na indústria pastoril, especialmente na década final do XIX, quando ocorreu uma desarticulação do setor agrícola, ocasionado pelo fim da escravidão, e um recuo de 32% das exportações de gado para o Rio de Janeiro. A tentativa de recuperação econômica era mais que justificada, o cultivo da terra e a invernagem do gado alocavam a quase totalidade dos trabalhadores e da geração dos recursos financeiros dos distritos e da sede municipal (Amaral, 2022).

O principal fator que possibilitou avanços das cadeias produtivas do município foram os investimentos na diversificação e mecanização dos gêneros do campo, levados adiante por fazendeiros e industriais, alguns deles mediante empréstimos contraídos da Câmara Municipal. Em 1900, por exemplo, o agente executivo autorizou para o industrial Manoel Jorge de Matos, de Carmo da Mata, uma operação de crédito na importância de 2:418\$640 réis a juros de 8% ao ano (*Gazeta de Minas*, 16 set. 1900, p. 3). Este valor somou-se a outros investimentos na Olaria Carmo da Mata, de sua propriedade, para a aquisição, da Europa, de “mecanismos mais aperfeiçoados” do ramo de telhas, tijolos, ladrilhos, vasos e manilhas. Na intenção de expandir os negócios, foram importadas, com o auxílio do sócio Olyntho Ferreira Diniz, máquinas de beneficiar arroz e café (*Gazeta de Minas*, 1 jun. 1902, p. 2), o que ensejou a construção de um “grande prédio”, onde foram instalados os beneficiadores.

Nessa mesma época, outras localidades do município de Oliveira também fizeram aquisições de beneficiadores. Na sede oliveirense, entre 1902 e 1904, tivemos a inauguração de engenhos de arroz e café, de propriedade dos Srs. Miranda e Fernal e do Coronel Manoel Antônio Xavier, todos nas imediações da estação ferroviária (*Gazeta de Minas*, 9 fev. 1902, p. 1; 11 jan. 1903, p. 3; 20 nov. 1904, p. 1). Em 1903, no distrito de Cláudio, o Sr. Tenente Coronel Domingos da Silva Guimarães, inaugurou um beneficiador de café na sua “importante fazenda” (*Gazeta de Minas*, 22 abr. 1903, p. 2). A inauguração dos primeiros beneficiadores do município parece ter estimulado o crescimento das lavouras, uma vez que agregava mais valor ao produto beneficiado. Conforme informações da imprensa, com o benefício do café, “pelo

2 Disponível em: (<http://memoria.org.br/>). Acesso em: jan. 2024.

3 Em 1890, segundo documentos oficiais, o município de Oliveira constituída da cidade homônima, sede administrativa, e dos distritos de Carmo da Mata, Claudio, Japão, Passa Tempo, Santana do Jacaré e São Francisco de Paula (*Anuário estatístico*, v. II, 1926, p. 40).

processo mais aperfeiçoado”, podia-se obter “os melhores preços no mercado do Rio de Janeiro” (*Gazeta de Minas*, 2 out. 1904, p. 1).

Em 1906, o arroz ganhou algum incremento entre os produtores do município, especialmente com o envio de sementes fornecidas pelo governo estadual, após o funcionamento dos beneficiadores. Neste ano, os lavradores colheram cerca de “10.000 litros de arroz agulha”, cuja qualidade, nas palavras de um cronista anônimo, “é o que tem mais procura e melhor cotação nos mercados” (*Gazeta de Minas*, 6 maio 1906, p. 1). Em 1909, na mesma esteira, a exportação de café do município atingiu a expressiva marca de 150 mil arrobas (*Gazeta de Minas*, 14 mar. 1909, p. 1).

A adoção de sistemas mecanizados para a lavoura recebeu comentários da imprensa da época: “Troca a enxada pelo arado do tipo mais aperfeiçoado: os pilões e moinhos pelos trituradores norte-americanos, as velhas máquinas do café pelos modernos aparelhos Paulo Kauck, Heid e Mac Hardy” (*Gazeta de Minas*, 23 jan. 1910, p. 1).

Como resultado dessa dilatação da indústria cafeeira, os produtores do distrito de Carmo da Mata, com a participação de fazendeiros de localidades circunvizinhas, tomaram a iniciativa de organizar uma Cooperativa Agrícola, onde poderiam discutir temas ligados aos preços, produção, taxas, despesas e lucros. Essa cooperação servia também como “elemento meio” de negociação entre o setor agrícola e o governo estadual. De acordo com o brasileiro Jhon Wirth (1982, p. 86), as cooperativas foram incentivadas no final da década de 1900, com a intenção principal de fortalecer e diversificar a produção mineira, possibilitando os cooperados obterem do governo melhores preços e créditos, propagandas no exterior, especialmente do café, além da possibilidade de estocagem dos produtos em depósitos no Rio de Janeiro, Santos e portos europeus.

Não demorou para que os membros da recém-fundada Cooperativa Agrícola colhessem os frutos de sua organização. Já em dezembro de 1909, os associados autorizaram o presidente a fazer aquisição de máquinas de beneficiar café e arroz pertencentes aos Srs. Antônio Notini Júnior e Joaquim Afonso Rodrigues, incluídos na compra, não só o prédio onde estavam instalados os beneficiadores, como também os terrenos anexos. Para tanto, esperava-se a aprovação de um empréstimo de 20:000\$000 réis do governo estadual, o que seria autorizado quando os membros completassem uma remessa de vinte mil arrobas de café. Segundo relatórios da Cooperativa, mesmo sem possuir “máquinas de rebeneficiar”, anotava-se uma exportação de “cerca de oito mil arrobas de café” para a capital fluminense, obtendo no Rio a média de 7\$400 réis por arroba (*Gazeta de Minas*, 5 dez. 1909, p. 1).

Em julho de 1911, realizou-se, na sede municipal, uma reunião com a presença dos sócios das Cooperativas Agrícolas da cidade de Oliveira e do distrito de Carmo da Mata. O objetivo era promover a “unificação das mesmas, a reforma dos estatutos e a eleição da nova diretoria” (*Gazeta de Minas*, 23 jul. 1911, p. 1). A junção das duas cooperativas parece ter fortalecido o setor agrícola do município. Em 1914, jornais de Oliveira já falavam de um cenário de “prosperidade para essa benemérita sociedade”. Neste ano, estavam cooperados cerca de 70 produtores da sede, dos distritos e de municípios circunvizinhos, o que representa um

aumento de cinco vezes da sua composição inicial em 1909 (*Gazeta de Minas*, 25 out. 1914, p. 1).

A Cooperativa Agrícola de Oliveira foi colocada em liquidação no mês de agosto de 1918, quando encerrou definitivamente suas atividades. Segundo o relatório de liquidação, os cooperados, em reunião realizada no dia 4, na sede municipal, resolveram colocar à venda todos os bens e móveis e imóveis da referida Cooperativa, sendo eles: “maquinismos de café e arroz, com motor elétrico, além de outros maquinismos já usados, grande quantidade de ferro velho, objetos e móveis de escritório, e um grande prédio na Estação Ferroviária Maracanã, na cidade de Oliveira” (*Gazeta de Minas*, 11 ago. 1918, p. 3).

É possível observar que a Cooperativa Agrícola teve um papel importante nos processos de desenvolvimento da produção rural de Carmo da Mata. Na Zona Oeste do estado, essas iniciativas de cooperados tiveram papel destacado nos processos de dinamização, diversificação e mecanização dos trabalhos no campo. Segundo Daniel Amaral (2022, p. 88-89), as Cooperativas Agrícolas atuaram “auxiliando os produtores rurais na aquisição de maquinários, fomentando a plantação de novas culturas por meio da distribuição de sementes, ou, ainda, instruindo os trabalhadores rurais no manejo de novas tecnologias”.

Tudo isso parece ter ensejado desdobramos positivos na cadeia produtiva carmense. Para além do café e do arroz, que tiveram crescimento das áreas cultivadas e mecanização da produção, outros gêneros agrícolas incrementaram as plantações dos fazendeiros do distrito. Em 1905, o Coronel Manoel Jorge de Matos construiu um “sólido e majestoso edifício” onde foram instalados “maquinismos a vapor para os produtos do milho e açúcar” (*Gazeta de Minas*, 25 jun. 1905, p. 1). Em 1918, o mesmo industrial inaugurou uma “grande fábrica de farinha de mandioca e polvilho”, reservando, nas suas imediações, “17 alqueires de terra para a plantação de mandioca” (*Gazeta de Minas*, 7 de jul. 1918, p. 1). Nessa mesma época, jornais falavam da produção de aguardente em Carmo da Mata (*Gazeta de Minas*, 31 dez. 1916, p. 1).

Diferente do período de crise do final do século XIX, a sede e os distritos de Oliveira obtiveram uma expressiva recuperação do setor agrícola ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Carmo da Mata acompanhou e contribuiu para este processo, sobretudo, nas produções de café, milho, polvilho e arroz, quatro dos principais gêneros de exportação agrícola municipal. Em 1920, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, Oliveira e o conjunto de nucleações distritais exportaram 1.800 toneladas de café, 750 toneladas de milho, 175 toneladas de polvilho e 120 toneladas de arroz (*Anuário estatístico*, v. III, 1926, p. 767).

Já a indústria pastoril de Carmo da Mata foi melhor estruturada a partir de 1904, devido à união dos fazendeiros, boiadeiros e invernistas da Zona Oeste, que passaram a se organizar, por meio de cooperativas, visando melhores oportunidades para os negócios (*Gazeta de Minas*, 29 maio 1904, p. 1). Em maio daquele ano aconteceu uma reunião na casa do Coronel Manoel Jorge de Matos, idealizada pelo Coronel Olyntho Ferreira Diniz. Na ocasião, os participantes do distrito e de lugares adjacentes buscavam, nas palavras de um correspondente carmelitano, “remédio para pelo menos atenuar o sofrimento atual da indústria pastoril mineira”. Com a

liderança do invernista Joaquim da Silva Guimarães, designou-se aos interessados a elaboração de propostas para o setor, ficando decidido que o conjunto de sugestões seria levada ao Presidente do Estado e representantes da Estrada de Ferro Oeste, por intermédio do Coronel Matos, que valeria do seu prestígio perante a população e as elites políticas do estado (*Gazeta de Minas*, 29 maio 1904, p. 1).

Entre as principais reivindicações dos criadores da Zona Oeste, é possível elencar quatro pontos centrais. Primeiro, a permanência das feiras de gado em Sítio, Benfica e Três Corações, o que favorecia previsibilidade e ganhos logísticos para o comércio dos boiadeiros. Segundo, a escolha de um comissário para fiscalizar as vendas, de modo a evitar possíveis fraudes nas negociações. Terceiro, uma balança para pesagem do gado, na intenção de evitar subvalorização dos rebanhos. Quarto, pagamento à vista após a negociação das invernadas, na tentativa de conter calotes dos negociadores. Neste mesmo propósito, os boiadeiros enviaram um ofício para a Estrada de Ferro Oeste de Minas, argumentando sobre as possibilidades de reduções das tarifas de fretes (*Gazeta de Minas*, 29 mai. 1904, p. 1).

Neste movimento inicial, os criadores da região obtiveram respostas importantes para suas demandas. As três feiras mantiveram sua atuação no intermédio do comércio pecuário. Instalou-se nas feiras uma balança obrigatória, não podendo “ser vendido o animal sem antes ser pesado, cadastrado e com as devidas taxas pagas”. Comissários “com comprovada experiência no ramo” foram designados para trabalhos junto aos pontos de negociação (*Gazeta de Minas*, 22 mai. 1904, p. 1; 9 out. 1904, p. 1). Por fim, a Estrada de Ferro Oeste de Minas se comprometeu em reduzir as tarifas, salientando que, quanto maior o número de animais transportados, maior seria o desconto (*Gazeta de Minas*, 22 mai. 1904, p. 1).

Esse conjunto de fatores, somado a um novo aquecimento das feiras que abasteciam os mercados do Rio de Janeiro,⁴ desdobraram no alargamento do setor pecuário municipal, tendo o distrito de Carmo da Mata como um dos principais polos pecuários do Oeste mineiro. Em 1910, a exportação do conjunto de nucleações municipais saltou para 50 mil reses (*Gazeta de Minas*, 1913, p. 265-268), ou seja, 66,67% maior quando comparado com o período antes da crise do final do século XIX (30 mil reses), e 145,1% maior quando comparado com o período da crise do final do século XIX (20.400 reses).

Com o crescimento dos rebanhos e a organização dos criadores, o setor pecuário de Carmo da Mata atuou fortemente para mecanizar sua produção, robustecendo o leque comercial que, até o final do século XIX, se limitava na exportação do gado vivo. Um dos setores que recebeu investimentos dos pecuaristas foi o de laticínios. Em janeiro de 1909, um cronista anônimo registrou que os fazendeiros de Carmo da Mata estavam empenhados no

4 Segundo um registro do jornal *Gazeta de Minas*, datado de 1915, a exportação de bovinos pelos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas, com destino ao Rio de Janeiro, havia crescido consideravelmente. Apenas nos oito primeiros meses de 1915, o movimento de gado transportado pelos vagões ferroviários era superior a 100 mil reses, número que, conforme consta na matéria, crescia a cada ano (14 de nov. 1915, p. 1).

melhoramento dos seus rebanhos, dedicando um olhar mais acurado ao gado leiteiro (*Gazeta de Minas*, 1 jan. 1909, p. 1).

Em 1900, o Coronel Adolpho Ribeiro da Silva Castro, “inteligente e abastado fazendeiro de Carmo da Mata”, inaugurou a Fábrica Manteiga Nacional, localizada na Fazenda da Serra, nas proximidades do povoado do Riacho. As latas, encomendadas especialmente para condicionar melhor a manteiga era, segundo a imprensa, um dos diferenciais do produto, contribuindo para a sua “boa qualidade” (*Gazeta de Minas*, 25 mar. 1900, p. 1). Em 1910, a empresa dos Srs. Altivo & Ferreira, com sucursais em outras localidades do estado, como Sucupira e Desterro, iniciou um empreendimento de produção de manteiga em Carmo da Mata, dando acionamento a duas desnatadeiras de propriedade dos Srs. Mário Andrade & Cia. Segundo jornais, a fábrica recebia diariamente grande quantidade de leite e creme que eram usados para a produção de uma “excelente manteiga, de cor natural, sem corante, sem ser salgada, conservando-se por longo tempo” (*Gazeta de Minas*, 9 jan. 1910, p. 1).

Já no ano de 1916, o Sr. Dr. Lobato Júnior que possuía uma fábrica de laticínios em Prados, montou em Carmo da Mata um estabelecimento congênere para o fabrico exclusivo do queijo do Reino. Para tanto alugou dois “importantes prédios”, tendo a promessa dos fazendeiros do distrito de um fornecimento diário de 2.000 litros de leite (*Gazeta de Minas*, 19 mar. 1916, p. 1).

O principal estabelecimento de produção de laticínios de Carmo da Mata foi inaugurado em dezembro de 1916. Os Srs. Júlio Barbosa & Cia., “grandes industriais e comerciantes do Rio de Janeiro”, inauguraram uma “importante fábrica de manteiga e queijos”, em um “grande prédio, junto à estação Ferroviária”, tendo como chefe de fabricação “um hábil químico vindo da Suíça para esse fim”. A manteiga, com produção de 400 quilos diários, era denominada Invicta, já o queijo, Avante (*Gazeta de Minas*, 31 dez. 1916, p. 1). Nos primeiros movimentos do seu funcionamento, a nova indústria passou a veicular propagandas nos jornais de Oliveira dizendo comprar “toda e qualquer quantidade de leite e creme” dos fazendeiros do município.

As charqueadas ganharam destaque em Carmo da Mata na segunda metade década de 1910. Nessa época, iniciou-se uma discussão na Câmara Municipal de Oliveira sobre o melhor ponto para sediar estabelecimentos da indústria do charque, visando a exportação de carne já preparada, remediando, em alguma medida, as dificuldades de exportação do gado vivo. A escolha do distrito carmense se deu mediante quatro características principais. Primeira, fertilidade dos pastos, com excelentes pastagens de “capim gordura”. Segunda, facilidades de exportação da carne nos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas. Terceira, abundância de água para limpeza das impurezas decorrentes da matança do gado. Quarta, centro citadino que oferecia apoio ao processo produtivo (*Gazeta de Minas*, 1º abril 1917, p. 2). Soma-se a isso a posição de destaque que Carmo da Mata ocupava no setor agropecuário municipal, o que lhe oferecia um olhar mais sensível por parte das autoridades políticas.

No início de abril de 1916, o Sr. Vicente da Silva, capitalista do Rio Grande do Sul, recebeu concessão da Câmara Municipal de Oliveira para instalar uma charqueada no distrito

de Carmo da Mata, obtendo, nas palavras de um correspondente local, “o máximo de apoio de criadores e invernistas da região” (*Gazeta de Minas*, 2 abr. 1916, p. 1). No ano seguinte, a empresa Guimarães & Nogueira Filho também logrou autorização do setor político para a instalação de uma nova charqueada, para a qual já tinha adquirido terreno (*Gazeta de Minas*, 18 mar. 1917, p. 1).

Em 1919, foi inaugurada outra charqueada, tendo como proprietários os Srs. Ignácio Affonso Diniz, Affonso Lamounier Junior e Anésio Diniz. Segundo fontes jornalísticas, estes “espíritos empreendedores” pretendiam futuramente fundar um outro estabelecimento modelo e abater o gado em larga escala para uma “exportação avultada e direta para os mercados europeus” (*Gazeta de Minas*, 17 ago. 1919, p. 1). Dando prosseguimento ao próspero negócio do charque, mais uma empresa instalou-se em Carmo da Mata: a Charqueada Palmeiras, estabelecimento de propriedade da “prestigiosa família do Sr. Olyntho Ferreira Diniz”. Segundo noticiado, tratava-se de um estabelecimento de primeira ordem, tendo a sua frente a competência do Major Affonso Lamounier, “que não tem poupado esforços para apresentar no mercado charque de primeira qualidade” (*Gazeta de Minas*, 26 set. 1920, p. 1).

Essa atividade comercial quase inteiramente concentrada nos setores agropecuários, impactaram significativamente no crescimento populacional e da mão obra assalariada do distrito, contribuindo, de uma parte, para o aumento das receitas municipais, e de outra, para uma melhor estruturação da sede distrital. Conforme veremos no próximo tópico, pequenas ondas de melhoramentos urbanos e ações modernizadoras foram processadas na parte urbana, na esteira de uma maior capacidade de investimentos públicos. Neste mesmo sentido, na medida que o contingente populacional com trabalho remunerado alargava suas bases, comércios e serviços foram se estruturando, com vistas a atender melhor as novas demandas.

Melhoramentos urbanos e ações modernizadoras na sede de Carmo da Mata

Com o expressivo processo de desenvolvimento dos setores agropecuários de Carmo de Mata, um dos desdobramentos foi a oferta de novas ocupações para a mão de obra local. Documentos censitários da época citam médias de salários das ocupações dos trabalhadores rurais de Minas Gerais, sinalizando que algumas atividades laborais do campo eram remuneradas. Em 1920, por exemplo, um arador, recebia uma média de 4\$300 réis por dia de trabalho, um carreiro 3\$500 réis, um carroceiro 3\$600 réis, um cortador de cana 2\$800 réis, um derribador de mandioca 3\$700 réis, um roçador de mato 2\$900 réis, um tirador de leite (ordenha) 2\$300 réis, um tropeiro 3\$200 réis e um vaqueiro 3\$200 réis (*Anuário estatístico*, v. III, 1926, p. 243). No caso mais específico do município de Oliveira, o salário médio diário de um trabalhador rural girava em torno de 2\$000 réis com alimentação e 3\$000 réis sem alimentação (*Ibidem*, p. 246).

O novo espectro produtivo, estendido na locação de trabalho remunerado, repercutiu

na cadeia populacional de Carmo da Mata, fomentando, em alguma medida, um aumento do contingente demográfico. Se em 1890, a população do distrito era de 2.250 moradores, em 1920, período para qual dispomos de registros demográficos produzidos pelo governo estadual, este número saltou para 6.974, ou seja, um crescimento de aproximadamente 310% (*Anuário estatístico*, v. II, 1926, p. 851). A maior parte dos novos moradores foram instalados nas povoações rurais de Barreira, Batatal, Cachoeira Dias, Cachoeira dos Martins, Campos, Félix da Costa, Forquilha, Paiol e Riacho (*Anuário estatístico*, v. III, 1926, p. 626). Ainda que não tenhamos dados detalhados da divisão das populações citadinas e rurais de Carmo da Mata nessa época, em Oliveira, sede municipal, que reunia os principais serviços públicos, estabelecimentos de comércio e indústrias urbanas, contabilizou-se cerca de 60% de população rural (Amaral, 2022). Nessa situação, não seria exagero inferir que no distrito carmense, onde os setores rurais detinham a quase totalidade da produção, essa margem fosse ainda maior.

Em 1916, o jornal *Gazeta de Minas* já falava da existência, na sede citadina de Carmo da Mata, de três farmácias, com farmacêuticos formados, dois hotéis, um escritório médico, além de “grandes e pequenas casas de negócio” (*Gazeta de Minas*, dez. 1916, p. 1). No ano seguinte, o distrito passou a contar com um consultório dentário do “afamado” cirurgião Francisco Afonso de Assis Figueiredo, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, estando habilitado, inclusive, a realizar “os apreciados trabalhos a porcelana” (*Gazeta de Minas*, 11 mar. 1917, p. 3). Neste mesmo ano de 1917, inaugurou-se o centro educacional particular Colégio Sagrado Coração de Jesus, sob a direção da professora D. Maria Francisca de Castro Figueiredo, tratando-se de um internato e externato para meninas e externato para meninos, nos quais se ofereciam curso primário, secundário e ensino de trabalhos diversos (*Gazeta de Minas*, 18 mar. 1917).

O novo dinamismo econômico dos setores rurais, acompanhado de uma pequena ampliação da oferta de estabelecimentos de comércio citadino, tiveram como resultado o crescimento das receitas públicas. Os balancetes produzidos na primeira década do século XX oferecem os números de repasses de impostos para os distritos, fato que nos permite dimensionar a posição e a importância econômica dessas nucleações. Para o ano de 1901, o agente executivo autorizou repasses para os conselhos distritais na seguinte ordem: Cláudio, 3:500\$000 réis; Carmo da Mata, 3:000\$000 réis; Passa Tempo, 2:500\$000 réis; São Francisco de Paula, 2:500\$000 réis; Japão, 2:250\$000 réis e Santana do Jacaré, 2:250\$000 réis (*Gazeta de Minas*, 18 nov. 1900, p. 3).

Cláudio recebeu uma quantia maior, posto que era o distrito mais próspero, sobremaneira, por concentrar, nessa época, 75% da safra cafeeira do município (Amaral; Dias; Anísio, 2022). Já Carmo da Mata ocupava a segunda posição, o que é um indicativo da importância que sua produção, especialmente dos setores pecuários, assumia naquele momento. Em 1909, a importância financeira repassada para os conselhos distritais apresentou uma queda significativa, com exceção de Cláudio, que obteve, nas previsões orçamentárias para este ano, um ligeiro crescimento: Cláudio, 3:600\$000 réis (aumento de

2,85%); Carmo da Mata, 2:000\$000 réis (queda de 20%); São Francisco de Paula, 2:000\$000 réis (queda de 42,85%); Japão, 1:600\$000 réis (queda de 20%); Passa Tempo, 1:200\$000 réis (queda de 46,67%) e Santana do Jacaré, 1:200\$000 réis (queda de 40%) (*Gazeta de Minas*, 16 dez. 1906, p. 2).

Já nas previsões orçamentárias para o ano de 1910, os números recuaram ainda mais, sofrendo, alguns distritos, novos cortes: Cláudio, 1:900\$000 réis (queda de 51,78%); Japão, 1:500\$000 réis (queda de 6%); Carmo da Mata, 1:400\$000 réis (queda de 30%); São Francisco de Paula, 1:400\$000 réis (queda de 30%); Passa Tempo, 1:200\$000 réis (manteve estável) e Santana do Jacaré, 1:200\$000 réis (manteve estável) (*Gazeta de Minas*, 5 dez. 1909, p. 2).

Os progressivos cortes de repasses orçamentários para os conselhos distritais, ao longo da década de 1900, parecem ter sido resultado do crescimento da dívida do município, em razão de empréstimos realizados em 1905, para a instalação da luz elétrica na cidade de Oliveira, cuja ampliação da oferta do serviço de eletricidade foi aprovada pela Câmara Municipal em 1907, mediante a um novo empréstimo, além de outros empréstimos e gastos com a construção do Teatro Municipal, e subvenções para a Santa Casa de Misericórdia e a Escola Normal Nossa Senhora de Oliveira, todos instalados na sede oliveirense (cf., por exemplo, *Gazeta de Minas*, 24 set. 1905, p. 1; 1 jul. 1906, p. 1; 4 ago. 1907, p. 1).

Nas previsões orçamentárias para o ano de 1910, juros e amortização de empréstimos (28:800\$000 réis), subvenções à Santa Casa de Misericórdia (6:125\$000 réis) e à Escola Normal (1:600\$000 réis), totalizavam um gasto de 32:525\$000 réis, o que representava uma despesa de 45% das receitas arrecadadas para este ano (*Gazeta de Minas*, 5 dez. 1909, p. 2). Logo, com o crescimento das despesas, e uma queda de arrecadação no valor de 15%, quando comparado com os primeiros anos do século XX, a Câmara Municipal, para não endividar ainda mais o município, realizou cortes nos repasses para todos os distritos de Oliveira.

Em Carmo da Mata, mesmo com os consecutivos cortes, o conselho distrital, com os valores repassados promoveu algumas melhorias na sede carmense. Em 1900, por exemplo, tivemos a contratação dos trabalhos de água potável encanada, acontecimento ricamente noticiado, cuja inauguração foi festivamente comemorada com a participação de moradores e políticos do município. Neste mesmo ano de 1900, o presidente do conselho, Sr. Tenente Coronel Laurindo Nogueira, apresentou a indicação de projeto para construção de uma ponte sobre o Ribeirão do Barro Vermelho, ligando Carmo da Mata ao distrito de Passa Tempo (*Gazeta de Minas*, 16 set. 1900, p. 2).

Anos mais tarde, o conselho carmense se reuniu para discutir o “tamanho impróprio da estação ferroviária do arraial”. Segundo alegou-se, o prédio era pequeno frente às “necessidades e serviços que ali se realizavam”, posto que não satisfazia o crescimento do movimento comercial e industrial dos setores produtivos de Carmo da Mata (*Gazeta de Minas*, 25 set. 1904, p. 1). A inauguração de uma estação ferroviária, mais do que facilitar o transporte de pessoas e cargas, carregava aspectos simbólicos de progresso e adiantamento material de uma localidade. Assim, não era por menos zelar por todos os aspectos inerentes à ferrovia, “ícone da civilização” (Silva, 2012, p. 27). Procurando um maior conforto e estética moderna

para os moradores locais e os visitantes que usavam os serviços da EFOM, foi proposto a construção de uma sala de espera, visando o “progresso” que as elites locais aspiravam:

O desenvolvimento que o distrito vai tomando é devido a iniciativa particular, seria, pois, um ato de equidade em vista do embelezamento aos lados da estação, que essa também fosse melhorada com cômodos confortáveis, satisfazendo assim as aspirações de um povo que quer progredir. Bem sabemos que a época é de economias, mas isso não é um desperdício, é uma necessidade (*Gazeta de Minas*, 25 set. 1904, p. 1).

A década de 1910 representou um período de importantes intervenções modernizadoras na sede citadina de Carmo da Mata. Neste período os repasses municipais distritais cresceram significativamente, favorecidos pela quitação dos empréstimos, possibilitando novos e mais impactantes melhoramentos da estrutura urbana. Diferente das retrações de repasses da década anterior, os recursos enviados para o conselho não apenas mantiveram um crescimento anual, como também elevaram Carmo da Mata para a posição de distrito mais importante do município. Tal posição se consolidou em 1912, quando Claudio (nucleação distrital de maior prosperidade econômica) e Passa Tempo (nucleação distrital que neste momento obtinha um grande desenvolvimento econômico com a produção de manteiga) se desmembraram de Oliveira, conquistando, neste ano, suas emancipações políticas (*Gazeta de Minas*, 9 jun. 1912, p. 1).

Entre os anos de 1913 e 1919, período no qual dispomos de informações mais detalhadas da arrecadação municipal, o imposto de Indústria e Profissões se dinamizou em todas as nucleações distritais, o que é sinal do surto agropecuário que o município experimentou no período, assumindo, Carmo da Mata, a dianteira produtiva. Neste curto período, a arrecadação do imposto supracitado teve, em Carmo da Mata, um crescimento de 96,08%, saltando de 4:585\$000 réis em 1913, para 8:990\$462 réis em 1919. Neste último ano, a diferença de Carmo da Mata para o segundo distrito mais produtivo, São Francisco de Paula, alcançou 46,09%, reforçando ainda mais a importância do distrito carmense para as cadeias produtivas do município (*Gazeta de Minas*, 1º fev. 1920, p. 2).

O surto econômico das áreas rurais teve repercussões em outros níveis da sociedade carmense que impactaram na arrecadação distrital. O crescimento populacional, por exemplo, se desdobrou na necessidade de construir mais imóveis para abrigar os novos moradores, o que gerava mais receitas do imposto Predial, Pena D'água, Transmissão de Propriedades, entre outros. Em agosto de 1917, por exemplo, um correspondente carmense já falava de uma “febre de construções” no distrito, levantando-se “com animação, muitos prédios particulares” (*Gazeta de Minas*, 26 ago. 1917, p. 1). Em 1920, segundo dados oficiais, Carmo da Mata possuía 1.135 imóveis, sendo 1.121 de um pavimento, 9 de dois pavimentos e 5 sem especificação (*Anuário estatístico*, v. II, p. 877).

Entre os anos de 1911 e 1919, as receitas totais do distrito tiveram um crescimento de

373,86%, isto é, saltaram de 3:400\$000 réis para 16:111\$406 réis, número que certamente foi ainda maior, visto que em 1919 não se contabilizou a arrecadação do mês de dezembro. O maior salto ocorreu entre 1916 e 1919, ultrapassando 116%. Neste mesmo período o imposto de Indústria e Profissão teve o seu maior aumento, 68,04%. É justamente neste ano de 1916 que tivemos em Carmo da Mata a instalação das primeiras charqueadas e a inauguração do maior estabelecimento de laticínios do município, explicitando, novamente, as relações entre dinamismo produtivo e arrecadação de impostos.

Se no ano de 1910, Carmo da Mata possuía uma arrecadação menor que o distrito de Japão e empatava com o distrito de São Francisco de Paula (*Gazeta de Minas*, 5 dez. 1909, p. 2), em 1919, o distrito carmense já havia assumido a dianteira da arrecadação distrital do município, com um volume de receitas 78,38% maior que Japão e 74,5% maior que São Francisco de Paula (*Gazeta de Minas*, 18 maio 1919, p.5).

Não demorou para o setor público de Carmo da Mata, com o progressivo crescimento das receitas, promover ações modernizadoras no distrito. As elites carmenses, tal como as elites de praticamente todos os rincões do Brasil em princípios do século XX, estavam bastante comprometidas com a edificação de uma nova urbanidade, seja na malha citadina, seja no *modus vivendi*, alinhada com as transformações materiais e simbólicas dos grandes centros brasileiros e europeus (Corrêa; Dias, 2020).

Estes novos cenários de uma civilização desejada por grupos abastados, afluíam o imaginário de uma modernidade que emergia, nas palavras de Lilian Schwarcz (2012, p. 39), “com senhores e senhoras vestidos com a última moda de Pariz, automóveis, edifícios, restaurantes, teatros, lojas variadas e todo o tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que pareciam ter pressa”. Já em 1911 iniciou-se a instalação dos serviços de telefonia, cujas linhas, partindo da sede distrital, passavam a percorrer as povoações rurais, atendendo importantes propriedades, a exemplo das “fazendas dos Srs. Olynto Dinis, Joaquim Afonso e José Borges” (*Gazeta de Minas*, 21 maio 1911, p. 1). Em 1920 a telefonia do distrito carmense estava integrada a todo município de Oliveira, fazendo parte de uma rede que possuía 250 quilômetros de linhas telefônicas e 95 aparelhos (*Anuário estatístico*, v. III, 1921, p. 383).

Em 1913, o conselho distrital aprovou três iniciativas na sede carmense. A primeira foi a construção de um novo cemitério, em substituição ao antigo que, nas palavras de um correspondente, “não comporta mais nem um cadáver”. A segunda foi a efetivação do “serviço de calçamento das ruas” da sede citadina, sendo o trabalho, segundo foi noticiado, feito com “todo o capricho”. Já a terceira diz respeito a ampliação dos serviços de abastecimento de água, descritos como insuficientes para as necessidades do distrito, deixando Carmo da Mata, conforme notícias da imprensa, “com o bico na água e morrendo de sede” (*Gazeta de Minas*, 27 jul. 1913, p. 2).

No ano de 1917, o distrito passou a contar com uma “justa e antiga aspiração”, um grupo escolar público que foi, nas palavras de um cronista, “comemorado pela população em festas e vivas” (*Gazeta de Minas*, 27 maio 1917, p. 2). Segundo as impressões noticiadas, o grupo escolar possuía “vastíssimo edifício com amplas salas para aulas, gabinetes, etc., tudo

traçado segundo as exigências da ciência pedagógica, tornando-o uma casa de educação das melhores de Minas Gerais" (*Gazeta de Minas*, 6 out. 1918, p. 1). Nessa época, o novo colégio, inaugurado na sede carmelitana, nas imediações do Largo do Cruzeiro, oferecia o curso primário para uma turma do sexo masculino, uma turma do sexo feminino e uma turma mista. Em 1920, três professoras atuavam nas três turmas, tendo nelas 215 alunos matriculados, sendo 126 meninos (com uma média de frequência de 61 alunos) e 119 meninas (com uma média de frequência de 62 alunas) (*Anuário estatístico*, v. II, 1921, p. 149).

Outro melhoramento que buscou imprimir ares de progresso na sede distrital foi a instalação da energia elétrica. Em 1911, registros de jornais revelam que Carmo da Mata já contava com uma pequena rede elétrica que atendia estabelecimentos industriais nas imediações da estação ferroviária, especialmente beneficiadores de arroz e café (*Gazeta de Minas*, 30 abr. 1911, p. 1). Por volta de 1918, o serviço foi ampliado para atender a parte citadina, com a instalação de postes, voltados para o atendimento das vias públicas, além da possibilidade de ligações domiciliares. Embora a imprensa municipal não ofereça detalhes da ampliação da rede e de sua inauguração, sabe-se que Carmo da Mata foi o primeiro distrito de Oliveira a receber iluminação elétrica, tendo, em 1920, 70 combustores públicos e 63 imóveis com ligações domiciliares (*Anuário estatístico*, v. IV, 1921, p. 35).

Esse conjunto de melhoramentos urbanos, que se somavam a instalação de empreendimentos industriais ligados, sobretudo, a indústria agropastoril, davam as elites locais uma percepção de que o pequeno distrito caminhava, a passos largos, para "conquistar os foros de terra adiantada e civilizada". Em outubro de 1918, uma reportagem descreve as impressões de um visitante a Carmo da Mata, veiculando-se uma longa matéria na *Gazeta de Minas* com o título "Carmo da Mata progride", oferecendo um exemplo do entusiasmo com que os grupos abastados acompanhavam as intervenções de cunho modernizador na sede distrital. Segundo foi veiculado:

Visitando este aprazível arraial, pude observar, além de uma população densa, uma topografia excelente, com vistosos e modernos edifícios, disseminados por toda a parte [...].

Descendo a avenida do Largo do Cruzeiro, descortinando sempre um vasto horizonte, pode dizer-se que chega ao bairro industrial com hotel e algumas casas comerciais [...].

E, pelo meio destes elegantes edifícios, verdadeiros santuários da atividade e do labor infatigável, quase por entre o jardim do elegante *chalet* do grande fazendeiro e industrial o Sr. Coronel Manoel Jorge Matos, desliza suavemente, alegremente, a locomotiva da Oeste de Minas (*Gazeta de Minas*, 6 out. 1918, p. 1).

No acoessamento desses processos, pequenas transformações na estrutura de oferta e consumo de lazer de Carmo da Mata também se processaram. Conforme veremos no próximo

tópico, o setor das diversões do distrito logo também foi afetado por essas transformações. O cinema, o teatro, o bilhar, os cafés, os clubes sociais e até mesmo um clube futebolístico integrado em uma rede de jogos intermunicipais, são alguns exemplos das novas ambições que integravam os desejos das elites carmelitanas por práticas lúdicas que pudessem comprovar a emergência de costumes modernos, progressistas, civilizados e de bom gosto.

Novas práticas de divertimentos em Carmo da Mata

No dia 28 de setembro de 1904, foi realizado, na Fazenda dos Alpes, o consórcio de D. Anna Diniz Linhares e Sr. José Martins Borges. O ato civil foi seguido pelo religioso, com celebração do padre Galdino Ferreira Diniz, tendo como testemunhas o Sr. Capitão Antero Ferreira de Aguiar e o Coronel Manoel Jorge de Matos. Terminado o casamento, foi servido um lauto banquete, “num salão vasto e ornamentado”, para mais de 100 pessoas. O padre fez um “brilhante” discurso, enaltecendo as virtudes dos noivos. O Coronel Matos discursou sobre o casamento e brindou aos noivos. No dia seguinte, foi servida uma profusa mesa de almoço que, nas palavras de um correspondente carmelitano, “agradou a todos convidados” (*Gazeta de Minas*, 2 out. 1904, p. 3).

Na primeira semana de maio de 1910, por ocasião dos festejos do Mês de Maria, a sede do distrito de Carmo da Mata recebeu a visita de missionários redentoristas, que foram recebidos com festa e entusiasmo pela população local. Durante a estada dos religiosos, foram ouvidas 2515 confissões. Além disso, os religiosos deram instruções da fé católica a meninos e meninas de todo povoado. Organizaram-se procissões com imagens e estandartes, saindo das escolas até a Matriz, onde celebrou-se missa solene, com acompanhamento da banda Euterpe Carmelitana, ao final das celebrações foram servidas comidas e bebidas (*Gazeta de Minas*, 1º maio 1910, p. 2).

Os exemplos acima se prestam a evidenciar o papel destacado das festas cívicas, domiciliares e religiosas para a efetivação dos divertimentos da população de Carmo da Mata. Essas festas tradicionais, regadas a comidas, bebidas, músicas e danças, em comemorações concorridas e que se estendiam pela noite, agitavam, de maneira especial, as sociabilidades públicas e privadas do distrito carmelitano.

Para além dessas diversões mais tradicionais, ligadas, em grande medida, ao universo rural, grupos das elites de Carmo da Mata tentaram introduzir práticas de lazer mais modernas e que estivessem associadas a um ideal de bom gosto e refinamento comportamental. No contexto da ampliação das receitas dos setores agropecuários, cujos impactos se materializaram no crescimento demográfico, da mão de obra assalariada, da melhor estruturação do comércio citadino e de melhoramentos modernizadores na sede distrital, grupos abastados se empenharam, com algum afinco, na promoção de novos hábitos citadinos.

Nessa direção, a organização de clubes sociais, teatrais e esportivos parece ter sido um recurso importante. Em julho de 1910, por exemplo, foi realizada uma reunião na casa do Sr. Joaquim Ferreira Mendes Quinzote, com a presença de “moços e cavalheiros da melhor sociedade carmense” para criação do Carmense Club, associação idealizada para oferecer “diversões lícitas”, ou seja, atividades lúdicas entendidas como civilizadas e em conformidade com uma nova escala de valores (*Gazeta de Minas*, 31 jul. 1910, p. 2). O clube prometia, como atração principal, a organização de saraus dançantes, tendo organizado sua sede, segundo informações de memorialistas, no sobrado de um dos seus sócios, instalado no Largo da Matriz. Para a promoção da música durante as danças, escolheu-se como maestro musical, oficialmente nomeado pelo presidente do clube, o Sr. Luiz Dias Bicalho (*Gazeta de Minas*, 31 jul. 1910, p. 2).

Em 1912, outro clube foi inaugurado em Carmo da Mata. Tratava-se, mais precisamente, do Club Dramático Carmense, cujos sócios pretendiam oferecer, ao público do distrito, recitais dramáticos. A estreia do novo clube ocorreu no final do mês de agosto, como culminância das festividades religiosas que se realizavam naquele momento. Para sua primeira exibição pública, artistas amadores do lugar, a exemplo de Naná Teixeira, Zizita Silveira, Manoel Pacheco de Miranda, Antônio Bicalho, Isaltino Teixeira, João Correia, Jayme Bicalho e Francisco Machado, apresentaram o drama “A órfã de Goyaz”, tendo, nas palavras de um cronista anônimo, “desempenhado muito bem seus papéis” (*Gazeta de Minas*, 25 ago. 1912, p. 1).

As apresentações do Club Dramático Carmense aconteceram nas dependências do Cinema Progresso, casa de projeções fílmicas inaugurada, nas imediações do largo da Matriz de Carmo da Mata, em maio de 1911, por iniciativa dos empresários Notini & Ferreira, “conhecidos fazendeiros e empresários do distrito”. Segundo informações de um correspondente local, tratava-se de um prédio “sólido de tijolos e telhas” na rua do Cruzeiro, com salas “ótimas para diversões”:

Ao entrar no primeiro compartimento que é a bilheteria, vê-se a esquerda uma confortável sala de bilhar, bem aparelhada e com funcionamento regular. Á esquerda, um compartimento adequado para a venda de café, confeitos, quitandas, bebidas etc. Tendo ambas entradas internas e externas. Em frente, penetrando-se pela entrada central e única, encontra-se o grande e vasto salão do cinematógrafo com espaço suficiente para 500 pessoas no seu recinto, sendo as cadeiras colocadas ao centro rodeadas por grades, ao lado, arquibancadas, na frente a tela onde é reproduzido o efeito desejado e maravilhado e ao fundo do mesmo salão, por cima da porta de entrada um seguro e vistoso biombo em que se acha colocado um magnífico aparelho *Siemens Schuckert Werke* com excelente projeção, movido por força elétrica (*Gazeta de Minas*, 7 maio 1911, p. 1).

Segundo registros de memorialistas, a primeira exibição fílmica no distrito ocorreu no ano de 1909, por meio do empenho do empresário Sr. Antônio Notini Júnior, que se valendo da geração de energia elétrica usada para movimentar mecanismos de beneficiamento de arroz, próximo à estação ferroviária, improvisou uma projeção cinematográfica em um dos prédios existentes na Praça do Cruzeiro (*Memória Carmense*, 2009, p. 16).

Estes relatos vão de encontro com as afirmações de Souza (2004) que, ao analisar os primórdios do cinema brasileiro, especialmente das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, observou processos de proliferação de salas fixas de cinema em capitais e regiões do interior do Brasil a partir de 1907. Na cidade de Oliveira, por exemplo, o Cinema Oliveirense foi inaugurado em 1909 (*Gazeta de Minas*, 19 dez. 1909, p. 1). Na cidade de Claudio, o Cinema Arts el Labor foi inaugurada em 1911 (*Gazeta de Minas*, 20 ago. 1911, p. 1). Já na cidade de Pará de Minas (localidade adjacente), a título de último exemplo, o Cinema Paraense foi inaugurado, também, em 1911 (*Jornal da Cidade do Pará*, 3 set. 1911, p. 2).

A nova casa de espetáculos criava uma estrutura que permitia uma fruição regular de diversões modernas que dialogava com as ambições simbólicas de sofisticação comportamental preconizadas pelas elites letradas. O próprio nome do cinema (Progresso), já denunciava essas pretensões de sofisticação. Com capacidade suficiente, segundo fontes jornalísticas, para “500 pessoas no seu recinto” (*Gazeta de Minas*, 7 maio 1911, p. 1), o Cinema Progresso era constituído de dois setores, com ingressos apresentando valores diferentes: cadeiras centrais (1000 réis) e arquibancadas (500 réis). Essa divisão, com ingressos 50% mais baratos para arquibancadas, revelam a possibilidade de trabalhadores rurais adquirirem bilhetes para fruírem experiências de exibições cinematográficas. Registros de jornais revelam a grande participação do público nas exibições cinematográficas. Em maio de 1911, por exemplo, um correspondente carmelitano registrou a necessidade de “suspensão da venda de ingressos” da sessão realizada no dia 3, dado a lotação máxima das arquibancadas e cadeiras centrais (*Gazeta de Minas*, 7 maio 1911, p. 1).

Os trabalhadores rurais, maioria da mão de obra da região naquela época, ganhavam, em média, semanalmente, entre 16\$100 réis e 30\$100 réis, tomando como parâmetro a profissão de menor remuneração (tirador de leite) e de maior remuneração (arador) (*Anuário estatístico*, v. III, 1926, p. 243). Em Carmo da Mata, especificamente, o ganho salarial semanal de um trabalhador rural girava em torno de 14\$000 réis (com alimentação) e 21\$000 réis (sem alimentação) (*Anuário estatístico*, v. III, 1926, p. 243). O ganho de tais valores nos permite inferir que o gasto com a compra de ingressos para o cinema representava, dependendo do local de assento, entre 4,76% e 7,14% dos rendimentos recebidos, ou seja, um hábito que poderia ser sustentado pelos trabalhadores rurais.

Para uma melhor comparação, alguns itens básicos da alimentação poderiam ser comprados pelos seguintes valores: uma dúzia de ovos (\$600 réis), um frango (\$800 réis), um quilo de carne de porco (1\$200 réis), um quilo de carne seca (1\$400 réis), um quilo de café (1\$000 réis), um quilo de arroz (\$730 réis), um quilo de feijão (\$166 réis), um quilo de milho (\$145 réis) e um quilo de fubá (\$135) (*Gazeta de Minas*, 19 jan. 1919, p. 4). Levando em

consideração o menor dos salários do município, durante o período de uma semana, isto é, 14\$000 réis, poder-se inferir que o valor de 500 réis, correspondente ao ingresso das arquibancadas do cinema, parecia ser, em alguma medida, suficiente para uma conciliação entre o novo divertimento e as compras de itens básicos de alimentação da época.

Buscando ampliar as possibilidades de ganhos financeiros, os empresários do cinema, os srs. Notini e Ferreira atuaram, em duas frentes, para ampliação do repertório de diversões no interior do prédio. Na primeira frente, instalou-se um salão com a oferta de comidas, bebidas e bilhar. Já na segunda frente, o palco do cinema foi adaptado para receber, além das projeções, artistas itinerantes e grupos de amadores locais, como foi, por exemplo, os espetáculos do Club Dramático Carmense em maio de 1911.

No ano de 1917, os Sr. Capitão José Antônio Ferreira, Coronel Joaquim Afonso Rodrigues e Antônio Notini Junior, este último um dos sócios da empresa do cinema, edificaram, na sede distrital, outra casa de diversões. Segundo registros de jornais, tratava-se de um prédio de teatro “elegante e espaçoso”, com capacidade para “700 pessoas”, tendo sido adaptado para “todos os gêneros de diversão”. Não encontramos registros históricos de eventos que tenham ocorrido neste teatro. Sabe-se, apenas, que os proprietários do prédio teatral tinham como principal interesse a oferta de encenações dramáticas organizadas por amadores locais (*Gazeta de Minas*, 26 out. 1917, p. 1).

Outra novidade moderna introduzida no distrito foi o esporte. Segundo Marilita Rodrigues (2006, p. 99), a virada para o século XX foi um período marcado pela valorização da saúde, da limpeza e da beleza. “Exigências morais, higiênicas e estéticas imperiosas se impunham diante da necessidade de ser e de parecer moderno”. Dessa forma, além dos cuidados com o saneamento das sedes citadinas, o cuidado com o corpo passou a ocupar as preocupações dos grupos abastados, que usavam da prática de atividades atléticas como forma de distinção social. Ainda segundo essa pesquisadora, a organização e fruição esportiva foi valorizada como forma de adaptar corpos e mentes aos processos modernizadores em curso naquele momento.

Nessa direção, na esteira da criação do Club Carmense e do Club Dramático Carmense, membros da elite local organizaram, no final de 1919, o Estrela da Oeste Foot-Ball Club. Sua primeira partida oficial ocorreu em dezembro, quando o São Bento Foot-Ball Club, da vizinha cidade de Itapetecica, por ocasião do seu primeiro aniversário, promoveu uma festa esportiva, convidando os sócios do clube futebolístico de Carmo da Mata para uma partida amistosa, tendo se notado, nas palavras de um correspondente local “extraordinário entusiasmo” (*Gazeta de Minas*, 7 dez. 1919, p. 3).

Daniel Amaral e Euclides Couto (2019), em estudo recente sobre a história do futebol no Oeste mineiro, argumentam que a difusão clubística deste esporte pela região teve como fator imperioso a constituição de uma espécie de “circuito futebolístico regional”, onde, membros proeminentes buscavam, com a promoção de jogos intermunicipais, redes de sociabilidades e de cooperação política entre sócios dos clubes e localidades envolvidas com o esporte. Como parte de um universo refinado, que reunia as altas rodas do interior mineiro,

“fogos, bandas de música, hospedagem em hotéis, bailes e outras festividades” eram alguns dos cerimoniais que transformavam “encontros esportivos em eventos sociais de destaque” (Amaral, 2017).

É no contexto de busca de inserção entre os “refinados” clubes presentes em tal circuito, que grupos da elite de Carmo da Mata institucionalizaram o futebol por meio de um clube, realizando sua partida inaugural na vizinha cidade de Itapeverica. Em fevereiro de 1920, isto é, dois meses após o encontro contra o clube São Bento, a comitiva do Sport Club Comercial, da cidade de Oliveira, convidou o clube carmense para um match amistoso no campo do antigo Hipódromo municipal. Um cronista da imprensa de Oliveira, ao publicar o anúncio da partida, registrou que “o formidável prélio *sportivo* será, por certo, emocionante e cheio de peripécias sensacionais, dada a grande animação que reina nos arraiais *deportivos* dos *foot-balers* patrícios” (*Gazeta de Minas*, 8 fev. 1920, p. 2).

Após as disputadas nas cidades de Itapeverica e Oliveira, os “*foot-balers*” de Carmo da Mata se organizaram para a construção de uma praça de esportes que pudesse oferecer condições para a comitiva local receber os seletos sócios dos clubes das localidades vizinhas. Registros de memorialistas dão conta que o estádio foi construído, “em estilo inglês”, por iniciativa do Coronel Manoel Jorge de Matos, que acabou tendo, em homenagem pela iniciativa, seu nome como batismo do estádio. O campo do clube carmense era “cercado de muros, com arquibancadas cobertas, vestiários para o time local e visitantes, além de um portão monumental com bilheterias ao lado” (*A Notícia*, 2022, p. 4).

Considerações finais

A inauguração de um cinema, de um teatro, de clubes esportivos, sociais e teatrais proporcionaram uma maior dinâmica cultural na sede distrital. Carmo da Mata testemunhou, ainda que de forma precária e inconstante, o nascimento de um mercado das diversões e de organizações de cunho associativo com a intenção de agitar as sociabilidades lúdicas entendidas, pelos grupos letrados, como mais modernas, sofisticadas e de bom gosto. Mesmo que se tratasse de um pequeno distrito, quase todo voltado para a produção e o comércio de gêneros rurais, com uma população rarefeita e em grande parte residindo e trabalhando em povoações, é surpreendente diagnosticar um impulso de setores do entretenimento urbano na direção de clubes e estabelecimentos comerciais.

Os melhoramentos urbanos e a pequena ampliação e diversificação das oportunidades de lazer no distrito parecem guardar relações estreitas com o processo de expansão dos setores agropecuários. A dinamização produtiva, acompanhada do crescimento da disponibilidade de mão de obra assalariada possibilitaram, de uma parte, crescimento das receitas, que depois foram usadas para a aquisição de elementos modernizadores na estrutura física da parte citadina de Carmo da Mata, e de outra, uma maior circulação de fazendeiros e trabalhadores rurais, com disponibilidade de recursos em dinheiro para gastarem com

ingressos ou pagamento de mensalidades de clubes.

Além disso, por mais que os divertimentos tradicionais permeassem, de forma privilegiada, os momentos de lazer da população carmense, o compromisso de grupos da elite local na adoção de atividades lúdicas com uma imagem de inovação e civilidade, foi outro importante movimento para a introdução e manutenção de sociabilidades que carregavam elementos de cosmopolitanismo e progresso material do distrito.

Referências

Fontes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

A notícia, 2022.

Gazeta de Minas, 1900; 1902-7; 1909-1920.

Jornal Cidade do Pará, 3 set. 1911, p. 2.

Memória Carmense, 2008; 2009; 2012.

BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA - RIO DE JANEIRO

Anuário estatístico: ano I (1921), v. II, III, IV, Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, Serviço de Estatística Geral. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

Bibliografia

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *História do futebol em Divinópolis, MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930)*. *FuliA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90- 111, 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-124, 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber; ANÍSIO, Edimar Reni. História do lazer em Claudio, Minas Gerais, c. 1888-1920. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 28, p. 1.19, 2022.

CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020.

DIAS, Cleber. *História e historiografia do lazer*. Recorde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2018.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *A constituição e o enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Coord.). *História do Brasil nação*. Vol. 3: A abertura para o mundo, 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.